



UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE JARDIM/MS

CURSO DE LETRAS

SALUSTIANA JARA NUNES

**A REPRESENTAÇÃO DA SUBMISSÃO FEMININA NOS CONTOS *AMOR E
FELIZ ANIVERSÁRIO* DE CLARICE LISPECTOR**

Jardim – MS

2017

SALUSTIANA JARA NUNES

**A REPRESENTAÇÃO DA SUBMISSÃO FEMININA NOS CONTOS *AMOR E
FELIZ ANIVERSÁRIO* DE CLARICE LISPECTOR**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português – Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Neurivaldo Campos
Pedroso Júnior

JARDIM - MS

2017

**A REPRESENTAÇÃO DA SUBMISSÃO FEMININA nos CONTOS Amor e
Feliz Aniversário DE CLARICE LISPECTOR**

NUNES, Salustiana Jara.

A Representação da Submissão Feminina nos Contos *Amor e Feliz Aniversário* de Clarice Lispector/ Salustiana Jara Nunes. Jardim: UEMS, 2017.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português – Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Clarice Lispector 2. Submissão 3. Mulher 4. Contos

É concedida a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando –se a autoria do trabalho.

SALUSTIANA JARA NUNES

JARDIM - MS

2017



CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO POTUGUÊS / INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
Salustiana Jara Nunes

**A REPRESENTAÇÃO DA SUBMISSÃO FEMININA NOS CONTOS *AMOR E
FELIZ ANIVERSÁRIO* DE CLARICE LISPECTOR**

APROVADO EM: _____ / _____ / _____

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior
Orientador

Profa. Dra. Adélia Maria Evangelista Azevedo

Profa. Dra. Rosemere Almeida Agüero

“Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”
(Beauvoir, 1949)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai, Venâncio Jara (*in memoriam*), com a certeza que lá no céu estará comemorando comigo. A minha amada mãe, Thomázia Bogado, “minha velhinha guerreira”, meu orgulho de sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me permitir estar gozando de boa saúde física e mental, pois ELE me deu forças para superar grandes barreiras durante o tempo em que caminhei por esta Instituição.

Agradeço, de forma especial, a todos os professores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Jardim – MS, pela dedicação e ensinamentos por todos esses anos em que estivemos juntos.

Agradeço de forma carinhosíssima ao Professor Doutor Neurivaldo Campos Pedroso Júnior, orientador desta pesquisa, dando-me todo suporte necessário para que fizéssemos este trabalho.

À minha querida filha Letícia, motivo de meu orgulho e razão pela qual cheguei à conclusão do curso de graduação. Ao meu filho querido, Luíz Felipe, “meu tesouro em construção” e meu orgulho. Para incentivá-lo. Ao meu maior e melhor presente, Maria Júlia, minha neta, razão de eu querer estar bem para ficar mais tempo junto dela. Ao meu esposo, Luíz César, que não fraqueje no final do caminho. Aos meus onze irmãos, que continuemos unidos.

Aos meus colegas de graduação, Elenir Ximenes, Felipe Duré Narvaez, Juliana da Silva, Sueila de Paula, Silvia Nowicki, por terem vivido comigo momentos bons e ruins. Os ruins já deletei da memória, mas os bons, esses levarei para a eternidade.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa monográfica visa analisar alguns aspectos precisos e objetivos na obra de Clarice Lispector, focando principalmente nos seus contos *Amor* e *Feliz Aniversário*, baseando-se em análises textuais, tendo como objetivo principal identificar elementos que trabalhem a temática submissão da mulher nos contos da escritora Clarice Lispector, traçando uma relação das características identificadas e as teorias literárias analisadas no decorrer dos capítulos. Esta pesquisa justifica-se, pois responde questionamentos como: Como a literatura representa a mulher durante os anos de 1970? Qual importância da mulher na Literatura? Quais os elementos presentes nas obras de Clarice Lispector que caracterizam a representação da submissão da mulher da década de 70? Este estudo foi construído através de um estudo focando na análise literária, estruturando o trabalho em três capítulos. O primeiro será dedicado a apontar alguns recortes das lutas da mulher na sociedade, com resquícios do poder patriarcal, a partir da década de 70. O segundo será destinado a apontar algumas características referente às obras da autora Clarice Lispector e também fatores referentes a biografia da escritora dando ênfase às características que reportem a representação da mulher como personagem central das obras literárias. A análise da narrativa será apresentada no terceiro capítulo, quando discutiremos com mais profundidade as questões por nós levantadas. Conclui-se que os contos analisados trabalham elementos que comprovam a submissão da mulher personagem, apresentando momentos de emoção, perturbação e rancor, enfim uma mistura de sentimentos bem a maneira dos contos de Clarice Lispector.

PALAVRAS-CHAVE: 1.Clarice Lispector; 2.Década de 70; 3.Submissão; 4.Mulher; 5.Contos.

ABSTRACT

The present work of monographic research aims to analyze some precise and objective aspects in the work of Clarice Lispector focusing mainly on her short stories Love and Happy Birthday, based on textual analyzes with the main objective to identify elements that work on the subject submission of women in the stories of writer Clarice Lispector, drawing a list of the characteristics identified and the literary theories analyzed during the chapters. This research is therefore justified because it answers questions such as: How does literature represent women during the 1970s? The Importance of Women in Literature? What elements are present in the works of Clarice Lispector that characterize the representation of the submission of women of the 70's? This study was constructed through a study focusing on literary analysis, structuring the work in three chapters, in which the first will be devoted to pointing out some cuts in women's struggles in society, with remnants of patriarchal power from the 70's. second it will be destined to point out some characteristics referring to the works of the author Clarice Lispector and also factors referring to the biography of the writer Clarice Lispector giving emphasis to characteristics that report the representation of the woman as central character of the literary works. The analysis of the narrative will be presented in the third chapter, when we will discuss in more depth the questions raised by us. It is concluded that the analyzed stories work elements that prove the submission of the woman character, presenting moment of emotion, disturbance and rancor, finally a mixture of feelings well in the manner of the short stories of Clarice Lispector.

KEY WORDS: 1.Clarice Lispector; 2.Decade of 70; 3. Submission; 4.Woman; 5.Contos.

SUMÁRIO

CAPITULO I

I – COMO ERA A MULHER NA DÉCADA DE 70.....	14
--	----

CAPÍTULO II

2.1 – MULHER NA LITERATURA	20
----------------------------------	----

CAPÍTULO III

3.1 – CONCEITUANDO ‘CONTO’	27
----------------------------------	----

3.2 – CARACTERÍSTICAS DOS CONTOS DE CLARICE	29
---	----

3.3 – ANÁLISE DOS CONTOS SELECIONADOS	29
---	----

3.3.1 – PERSONAGENS FEMININAS NOS CONTOS SELECIONADOS	29
---	----

3.3.2 – CONTO “AMOR”	29
----------------------------	----

3.3.3 – O CONTO “FELIZ ANIVERSÁRIO”	33
---	----

4.0 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
----------------------------------	----

5.0 - REFERÊNCIAS	40
-------------------------	----

6.0 – ANEXOS	42
--------------------	----

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando trata da evolução histórica da posição feminina na sociedade percebe-se mudanças significantes na vida da mulher. Na atualidade a mulher exerce um papel importante, pois possui além de suas funções herdadas do período patriarcal, de chefe de família, empresária e trabalhadora. Esta emancipação, muitas vezes, pode ser percebida na Literatura, apresentando etapas, desafios e sacrifícios pelos quais a mulher passa para chegar à sua vitória no final de cada dia.

É importante frisar que na década de 70 (1970) o Brasil foi marcado por movimentos feministas que promoveram debates e conquistas e promoveram na sociedade a necessidade de repensar o papel da mulher e seu reconhecimento social, iniciando, portanto, o processo de redemocratização e legitimação da luta das mulheres por mudanças no espaço sócio-político.

Dentro desta realidade, esta pesquisa desenvolverá um estudo da temática “a personagem feminina na Literatura Brasileira” sob a ótica da autora Clarice Lispector. Apresentará a análise de obras que demonstram a representação da figura feminina, na visão da escritora Clarice Lispector no âmbito da Literatura nacional da década de 70. Tendo como objetivo principal identificar elementos que trabalhem a temática submissão da mulher nos contos da autora, traçando uma relação das características identificadas e as teorias literárias analisadas no decorrer dos capítulos.

Esta pesquisa justifica-se pois responde às seguintes perguntas de pesquisa: Como a literatura representa a mulher durante os anos de 1970? Qual a importância da mulher na Literatura? Quais os elementos presentes nas obras de Clarice Lispector que caracterizam a representação da submissão da mulher da década de 70?

A opção pelo tema surgiu de questionamentos que irromperam durante estudos realizados em todas as aulas que abrangiam a Literatura no Curso de Letras da Universidade de Mato Grosso do Sul, Unidade de Jardim, disciplinas que trabalham com estudos das características e análises de obras de autores renomados da Literatura nacional, promovendo entre os inúmeros estudos a

discussão de características e diferentes temáticas existentes em Literaturas escritas por Clarice Lispector, uma das representantes femininas da Literatura nacional.

O estudo sobre a Literatura Comparada é amplo, assim também como são os escritos da autora pesquisada. Segundo Schmidt (2003) “Ler Clarice é como penetrar numa floresta que, além de seus segredos usuais, prepara verdadeiras “armadilhas” para aqueles que a percorrem” – (SCHMIDT, 2003, p. 109). Ou seja, em Clarice temos muito a ficção e a realidade lado a lado. Portanto, ela sempre vai nos dar grandes surpresas e, muitas vezes, vamos nos encontrar nos seus textos.

A pesquisa foi construída através de um estudo cujo enfoque concentra-se na análise literária. O trabalho está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo foram realizadas algumas reflexões sobre as lutas da mulher na sociedade, com resquícios do poder patriarcal, a partir da década de 70. Já no segundo capítulo a pesquisa aponta algumas características referente às obras da autora Clarice Lispector e também fatores referentes à biografia da escritora, dando ênfase às características que reportam a representação da mulher como personagem central das obras literárias e à representação da condição feminina nas narrativas, a partir da década de 70. Por fim, o terceiro e último capítulo apresenta o conceito de ‘contos’ seguindo do estudo de literaturas da área, destacando também as características deste gênero nas obras de Clarice, finalizando com a análise de dois contos: *Feliz Aniversário* e *Amor*.

Vale destacar, também, que este estudo será feito tendo por base dados bibliográficos obtidos de historiadores, críticos literários e romancistas que apresentam o trabalho voltado à temática desta pesquisa. Assim, promoveu-se um estudo que cumprisse com a proposta de traçar um paralelo entre Literatura e a representação da figura feminina nas obras de Clarice Lispector.

CAPITULO I

Neste primeiro capítulo apontamos alguns recortes das lutas da mulher na sociedade a partir da década de 70 com resquícios do poder patriarcal. Essas lutas tiveram início há séculos, no Brasil, tornando-se mais forte com a chegada da Industrialização.

I- COMO ERA A MULHER NA DÉCADA DE 70

A posição social da mulher ganhou destaque no final do século XIX, período em que ela passa a lutar por mais espaço tendo por apoio movimentos feministas que buscam por mudanças referentes à participação feminina no espaço político. Souza (2013) observa-se que, nesse período:

As mulheres em geral, não querem ser tratadas como homens, mas querem ter os mesmos direitos. Elas mostram diariamente seus valores sociais, através de sua contribuição à vida política e familiar e, apenas desejam o fim da opressão masculina, transmitida culturalmente de geração em geração. (SOUZA, 2012, p. 6).

É importante ressaltar, ainda, que por longos séculos a imagem da mulher foi disseminada como sexo frágil, aquele que necessita de proteção masculina, cabendo a ela, durante todo o período patriarcal, o dever, a obediência e subjugação ao homem. Sobre o *patriarcalismo* Freyre (2004) afirma que este sistema limitava a mulher a serviços domésticos e a contatos sociais restritos, pois o homem tratava a esposa como um ser que era diferente dele. O homem era visto pela sociedade da época como sexo forte e nobre; já ela era o sexo fraco e belo. De acordo com Sales (2010) cabia a mulher a “obediência e o subjugo de suas determinações, assim como o cumprimento das obrigações que lhes pertenciam ‘naturalmente’”. Ela era responsabilizada pela manutenção do lar, pela criação dos filhos e pelos cuidados com o marido.

Ao contrário dos mitos que sempre traçaram o perfil feminino como símbolo de beleza, submissão e fragilidade, a mulher vem ganhando espaço no mundo dos negócios, na política, na Literatura e em todos os âmbitos sociais, na luta por seus direitos. Conforme Souza, a visão machista que o mundo tem sobre a mulher não é de hoje, há séculos, desde a Mitologia Grega, quando Atena saiu de dentro do crânio de Zeus, já era introduzido metaforicamente o

poder do homem sobre a mulher, transmitindo a ideologia de que “toda opinião formada por ela, todas as ideias e pensamentos fossem copiados da cabeça dele, fossem aceitos de forma que ela tivesse a instrução de segui-lo para sempre sem opinar sobre nada”. (SOUZA, 2012, p.3).

A evolução da mulher na sociedade brasileira ocorreu de forma gradativa sendo que, em 1932, no país, a mulher teve direito ao voto. Em seguida, em 1934, Carlota Pereira de Maciel, foi eleita como sendo a primeira deputada mulher do país.

Com o processo de industrialização impulsionado na década de 60, percebe-se mudanças significativas relacionadas à estrutura e à dinâmica familiar, afetando diretamente a vida doméstica, pois “a mulher mudou sua rotina inserindo-se no mercado de trabalho passando assim quase todo o dia fora do seu lar” (COSTA e ANDROSIO, 2010,

Brasil foi marcado por movimentos feministas que promoveram debates e conquistas que acrescentam na sociedade a discussão sobre a necessidade de repensar o papel da mulher e seu reconhecimento social, iniciando, p. 5).

É significativo frisar que, na década de 70, portanto, o processo de redemocratização e legitimação da luta das mulheres por mudanças no espaço sócio-político.

Nesta fase, os movimentos feministas questionavam aspectos relacionados à desigualdade entre homens e mulheres tanto em ambiente familiar quanto no social e também referente ao mercado de trabalho.

As conquistas do movimento feminista impulsionam a luta por aquisição de direito, inserindo-se aos poucos no cenário brasileiro como protagonista de sua própria história. Lobo (1993) afirma que foi no período entre 1975-1985, é que no Brasil, que 1985 foi o período do fim da Ditadura Militar no Brasil, época em que os Movimentos Sociais ganharam mais espaço de reivindicação e, as mulheres conseguiram lutar e libertar-se de seus papéis tradicionais, usando como impulso as conquistas como, por exemplo, a educação, a liberdade sexual entre outros.

Um exemplo destas conquistas é que em 1983 são criados os primeiros conselhos estaduais da condição feminina nos estados de MG e SP, cujo objetivo era planejar e lutar pela criação de políticas públicas para atender as

mulheres, estimulando assim ações ligadas ao Ministério da Saúde, como a criação do PAISM (Programa de Atenção Integral à Saúde da Mulher) que se baseava na assistência, nos princípios da integralidade do corpo, da mente e da sexualidade de cada mulher.

É válido lembrar que a busca pela redefinição do papel social do homem e da mulher, frente ao mercado de trabalho, ganha força nos anos 90, isto porque “há nesse período uma relativa divisão de tarefas domésticas e financeiras, sendo os homens mais envolvidos nas tarefas do dia a dia do lar e a mulher assume o sustento financeiro parcial ou total da família” (COSTA e ANDROSIO, 2010, p. 7). Segundo Santos (2012, p. 13) a mulher perdeu a característica de “dona de casa”, pois a sociedade capitalista exigia sua mão de obra no mercado de trabalho, devido à necessidade de aumentar a renda familiar.

Sobre esta composição financeira, referente ao trabalho da mulher, Sales (2010) ressalta que isto é considerado como um complemento para as despesas da casa, já a contribuição doméstica masculina é vista apenas como auxílio não determinando ao homem nenhuma obrigação referente a sua continuidade. Ao contrário do que a sociedade ainda espera da mulher, isto acontece porque a sociedade exige que “para se ter uma perspectiva original, a mulher deve partilhar de condições dignas de igualdade em todas as esferas sociais, o que consiste em ser um desafio a ultrapassar” (SANTOS, 2012, p.11).

Esta luta por igualdade de gêneros, iniciada na década de 60, ainda está muito forte na sociedade moderna devido à presença da mulher no mercado de trabalho, acumulando obrigações domésticas e, também, assumindo, às vezes, o papel de provedora do lar, características estas representadas nos contos a serem analisados e escritos por Clarice Lispector.

De acordo com Lobo (1993), ao observarmos o final do século XX encontramos na Arte e na Literatura um número reduzido de mulheres, isto porque, por séculos, as mulheres tinham que obedecer aos homens. Primeiramente “tinham que obedecer ao pai acatando a escolha de matrimônio que este fizesse; depois ao marido, que era seu amo, com o apoio da lei”

(LOBO, 1993, p.19) posteriormente era também escravizada, pelos filhos, aos trabalhos da casa.

Ainda no final do século XX as ações das mulheres foram ganhando força e “os movimentos feministas dessa época não se limitavam ao voto ou ao salário, mas, a um lugar na sociedade onde julgamentos não fossem feitos o tempo todo”. (SOUZA, KAZMIERCZAK E COUTO, 2012, p. 5). As mulheres, engajadas nas lutas por seus direitos, queriam muito mais que votar e ter seu próprio dinheiro; elas queriam uma revolução, queriam expor para o mundo que eram capazes tanto quanto o homem. Assim, “a mulher precisava buscar sua identidade e reafirmar sua individualidade na escrita e, portanto, tendia a tematizar, nas suas narrativas, sua própria condição de mulher” (FILHO E RAFAEL, 2002, p. 02).

Atribuir a quem a culpa da desigualdade vivenciada por anos pelas mulheres? De acordo com Yamamoto (2011, p. 22) ainda se faz presente na sociedade atual valores machistas, por exemplo, na relação existente entre ser dominante e ser dominado, externada na desigualdade de tratamento entre homens e mulheres. Ou seja, apesar das sucessivas mudanças ocasionadas pelas lutas da mulher na sociedade, sua inclusão no mercado de trabalho ainda não é a ideal. O mercado de trabalho é atravessado pela ideologia de que “contratar mulher é mais caro que contratar homens, devido aos benefícios assegurados às mulheres” (COSTA E ANDRÓSIO, 2010, p. 07- 08). Assim, elas passam a ser sinônimos de “gastos” para a empresa. A partir desse olhar dos patrões “a mulher ainda sofre alguns preconceitos no que se refere a salários e funções abaixo de sua formação, assédio sexual, estado civil, dentre outros”.

Dando voz à posição da mulher surge, nos anos 60 e 70, a escritora Clarice Lispector que se revelava na escrita mais próxima do “eu” em oposição a alguns escritores como Graciliano Ramos e José Lins do Rego que tratavam em suas obras temas de cunho social e regionalista. Essa Literatura era característica da época da Ditadura Militar em que havia repressão política.

A produção literária de Clarice pode ser considerada um trabalho árduo e apaixonante. Oliveira (1989) salienta que a autora produziu mais de quinze obras durante seus trinta anos de atividade literária, afirmando que, em seu

primeiro romance, a autora escreve sua obra *Perto do coração selvagem* (1944) e sua última obra *A hora da estrela* (1971), ainda possuindo obras póstumas como *Um sopro de vida (pulsações)*, *A bela e a fera (contos)* e *A descoberta do mundo*. Esta última reúne todas as crônicas que Clarice escreveu para o ‘Jornal do Brasil’.

As obras da autora revelam transformações na Literatura, Vieira (1998, p.17) afirma que “quando Clarice publicou seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, em 1944, foi saudada como uma escritora que introduziu algo de novo e especial na literatura brasileira”, tratando sobre questões de gênero e também sociais que a diferenciavam dos outros escritores da sua época. O romance conta a história do cotidiano de uma mulher (Joana) intimista, que tenta encontrar uma explicação do “ser” da sua existência, dando para a autora um prêmio da Academia Brasileira de Letras, o “Graça Aranha”. Segundo Nunes (1998) essa obra “foi conhecida mais entre os críticos e escritores, e a partir daí, no livro de contos *Laços de família* a escritora ficou conhecida pelo público Universitário” (NUNES, 1998, p. 35).

Com relação a seus contos, Oliveira (1989, p. 48) afirma que em suas obras a autora revela um traço insistente como marca essencial de sua produção literária afirmando que “em lugar de um texto que narre fatos e acontecimentos, ela preferirá sempre escutar as ressonâncias dos fatos na consciência do indivíduo”. Após sua morte, no ano de 77, “A crescente popularidade da escritora tornou-a figura assídua de coletâneas de crônicas e contos, de modo que, seguidamente, são organizados livros que levam seu nome, inteiros ou fragmentados” (ZILBERMAN, 1998, p. 10).

Percebe-se que a escritora, diplomada em Direito, também vivenciou o drama de mulher subalterna, conforme comentário de Hélio Pellegrino (escritor e psicanalista), deixando, às vezes, de fazer o que mais amava, que era escrever, para acompanhar seu esposo Mauri Gurgel Valente, com quem se casou no ano de 1943. Vieira (1998) ressalta que “o serviço diplomático exigia o protocolo social e esses anos foram difíceis para Lispector. Enquanto cumpria os deveres de esposa de diplomata, continuava a lutar com dúvidas sobre si mesma e seu talento” (VIEIRA, 1998, p. 25).

A mulher, por muito tempo, foi vista pelos homens e pela sociedade como objeto a ser lapidado. Sendo assim suas vontades e desejos não eram colocados em prática e deviam obedecer e seguir o marido e suas vontades. Clarice Lispector vivenciou esta fase, mas também, em contraposição, usou de suas obras para tentar desmistificar a mulher, pois apresentava uma ideia revolucionária porque questionava a apresentação da personagem mulher como desprovida de vontade própria.

Na literatura de Lispector os personagens são centrados, em grande maioria, em figuras femininas que contradiziam a percepção e representação feitas por autores masculinos que colocavam a mulher como personagens secundários, restrito às ações domésticas, sendo representadas como submissas e resignadas ao homem pelo sofrimento amoroso e a saudade.

Nas obras de Clarice Lispector podemos identificar a representação simbólica da evolução da mulher na sociedade e, também, pode-se encontrar em seus contos a presença de temas como a liberdade de expressão e a resignação da mulher em ambiente social e familiar.

Também, como já observado, as obras de Clarice Lispector representam as conquistas femininas, retratando a vida da mulher com conflitos e indagações, a escritora também defensora do direito da mulher e feminista, tratando em suas narrativas as diferentes atitudes e pensamentos das personagens em suas interações sociais, representando de forma simbólica suas concepções relativas ao matrimônio e ao papel da mulher como dona de casa, mãe e esposa.

CAPÍTULO II

Neste segundo capítulo apontaremos algumas características referentes às obras da autora Clarice Lispector e também fatores relacionados à sua biografia da escritora dando ênfase a características que reportem a representação da mulher como personagem central das obras literárias e a representação da condição feminina nas narrativas a partir da década de 70.

2.1 MULHER NA LITERATURA

Na década de 70, no Brasil, inicia-se a nível o desenvolvimento de obras Literárias escritas por mulheres, visando mudar a ideia expressa em grande parte das narrativas publicadas até então, em que as personagens femininas figuravam, através de seus personagens, segundo a visão machista dos autores. Lobo (1993, p. 27) afirma que a Literatura, de Clarice Lispector e Virginia Woolf são exemplos desta transformação na Literatura cujo enfoque recai na Literatura escrita pelas mulheres ao invés da literatura sobre as mulheres.

Lobo lembra que ainda hoje, em nosso século, as mulheres ainda lutam com dificuldades para vencer preconceitos e se firmar na Literatura e competir com o escritor do sexo masculino (LOBO, 1993, p.27). Ela também defende que, em suas obras, Clarice pesquisa “o espírito feminino, a sensibilidade, a posição social ou o espaço marginal que a mulher ocupa” (LOBO, 1993, p. 29).

As obras escritas por autoras como Clarice Lispector trabalham a representação do outro perante a visão da mulher, evidenciando sua representação social diante do marido, filho e seus deveres domésticos e sociais. A Literatura, para estas autoras, serviu como representação de suas ideologias como por exemplo, o homem como obstáculo em sua vida. Percebe-

se em muitas obras escritas por autoras, como Clarice e Woolf, a incompatibilidade entre as ideias do homem e da mulher. Lobo (1993, p. 29) ressalta que “homens e mulheres casados não conseguem conviver nas obras dessas autoras”, devido muitas vezes, às diferenças existentes em seus pontos de vista.

De acordo com Fidêncio (2009) as obras de Clarice Lispector apresentam, por vezes, relação de teor autobiográfico, sendo destacado que há “unanimidade entre os teóricos consultados considerar as relações entre a escrita de Clarice Lispector com a sua própria vida no sentido, em grande medida, relacionado com o autobiográfico” (FIDÊNCIO, 2009, p. 05). Conforme Manzo (2001, p. 93) afirma que Clarice sem perceber (sem planejar) escrevia em suas crônicas a sua própria história. Lispector escreve, “Perco minha intimidade secreta? Mas que fazer? É que escrevo ao correr da máquina e, quando vejo, revelei parte minha [...]”.

As obras de Clarice foram por ela datilografadas, representando de forma humilde personagens como *Macabéa*, em *A Hora da Estrela*, a autora destaca características importantes de seus personagens ressaltando em sua obra que, por exemplo, *Macabéa* “deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante, era obrigada a copiar lentamente, letra por letra – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater a máquina. [...] (NUNES, 1998, p. 38).

Clarice, por poucos momentos, concedeu entrevistas para falar de suas obras. Em uma das poucas entrevistas dadas uma delas concedida a Júlio Lerner, em 1977, pouco antes de sua morte, Clarice dizia que não assumia ser escritora, ou seja, não se assumia como “uma profissional para não perder sua liberdade” revelando, também, que para fluir sua criatividade “Eu me deixo ser”.

Em outra entrevista a Gastão Moreira, ela dizia que “Vivia intensamente tudo que ela fazia”, de chegar ao ponto de “funcionalizando ela se enxergou como personagem”. Efetivamente percebemos que seus personagens são frutos do próprio “ser” de Lispector, pois “A biografia de Clarice Lispector é esparsa e anedótica, em particular os relatos de infância e adolescência.

Entretanto, as informações disponíveis mostram que durante toda a vida desejou escrever” (VIEIRA, 1998, p.19).

Nessa mistura entre o real e o fictício da escritora nota-se “O vaivém entre ficção e realidade, segundo o qual a autora transfigura-se em personagem e problematiza seu próprio poder de expressão” (ZILBERMAN, 1998, p.13).

Ao lermos as obras de Clarice vivencia-se a inter-relação entre a autora (Clarice Lispector), seus personagens e a experiência vivida, usando assim da Literatura para transmitir sua percepção de mundo.

Outra característica importante de ser destacada é que as publicações de Lispector oscilam entre o gênero conto e crônica, como enfatiza Fidêncio (2009), sendo perceptível, em suas obras, o uso do espaço como ambiência cotidiana, retirando do meio familiar e doméstico suas narrativas, adotando às transformações de momentos comuns e banais em espaços importantes para a demonstração de questões existenciais humanas, sendo um dos elementos que inquietam e provocam seu leitor isto porque acontece a leitura de suas obras exigem“ novas leituras, acompanhadas de outras interrogações, nem sempre resolvidas”. (ZILBERMAN, 1998, p. 15).

Ao realizarmos uma reflexão sobre as personagens das obras de Clarice, podemos destacar a tese defendida por Filho e Rafael (2002) afirmam que, em sua maioria, elas estão representadas em meio à rotina rígida de imposições sociais, representando, por vezes, o desmoronamento de tudo que era certo e estável. Isto está representado em um trecho de sua narrativa, momento o qual a autora chama a atenção do leitor para a quebra desta rotina diária, “como, por exemplo, quando o marido voltava para casa mais cedo do que de hábito e a esposa ainda não havia regressado de alguma compra ou visita. Para o marido interrompia-se então uma corrente” (LISPECTOR, 2016, p. 345).

Sobre o fato de Clarice nunca separar suas obras de sua própria vida e destino, Oliveira (1989) evidencia que através do exercício da linguagem a autora usa da palavra para demonstrar a vida e o mundo a seu redor, usando da palavra para exprimir o inexprimível e de "dizer o indizível", focalizando,

ainda, de acordo com Oliveira (1989, p. 50) “o aspecto do paradoxo da linguagem, que pode se revelar, ao mesmo tempo, um fracasso e um triunfo”.

Sobre a produção de Clarice, Poli (2009) afirma que uma de suas principais características é a forma como a autora entra “nos interstícios da relação do ser com a linguagem”. A autora aponta que ao escrever Clarice escreve como mulher, levando para além do conteúdo de suas obras seu estilo feminino, uma narrativa desestabilizadora e excessiva. Através da linguagem ela transmite diferentes experiências femininas, “Com mestria, a escritora circula por personagens de ambos os sexos, adentrando na alma de homens e mulheres com igual naturalidade” (POLI, 2009, p. 439).

Esta representação feminina em suas obras está muito presente. Ainda de acordo com Poli (2009) suas obras, em grande maioria, apresentam os impasses da maternidade e a construção e limitação de uma mãe primordial. Para Poli “escrever, nos ensina Clarice, é profundamente feminino. Ler Clarice também o é”.

Apesar de Clarice afirmar ser brasileira e pertencer à cultura e à Literatura brasileira, Clarice, ao inovar, trouxe para dentro dos seus textos a herança judaica na qual foi educada. Baseando-se nesses aspectos criou seu estilo próprio na escrita. Como afirma Vieira (1998, p. 18) “ ao abordar Lispector e sua obra de um ponto de vista judaico, reafirmo minha crença de que a vida e literatura, autor e texto ligam-se culturalmente – de que juntos contribuem para uma visão de mundo” (VIEIRA, 1998, p. 18).

Desse modo, é visível em alguns contos partes dessa cultura a qual a autora vivenciou. Como por exemplo na obra *Repartição dos Pães* em que encontra-se o seguinte inserto:

1-Era uma mesa para homens de boa vontade. Quem seria o conviva realmente esperado e que não viera? Mas éramos nós mesmos. Então aquela mulher dava o melhor não importava a quem? E lavava contente os pés do primeiro estrangeiro. Constrangidos, olhávamos (LISPECTOR, 2016, p. 281).

O “ser estrangeira” é bastante frequente nas histórias de Lispector, certamente por sentir-se estranha no seu país de adoção. Segundo Waldman (1998 apud Vieira), em 1976 em uma entrevista Clarice ao mesmo tempo que assume sua identidade judaica, contrariamente a nega. Assim, esse dueto

cultural trouxe para a Literatura Brasileira as mais ricas obras da escritora naturalizada. Registra: “(...) Pertença, por exemplo, a meu país, e como milhões de pessoa sou a ele tão pertencente a ponto de ser brasileira. (...) Sou feliz de pertencer a ponto de ser brasileira por motivos que nada têm com literatura, pois nem ao menos sou uma literata ou uma intelectual. Feliz apenas por “fazer parte”. (...) (VIEIRA, 1998, p. 33).

Um exemplo deste estranhamento vivido pela escritora é identificado no conto *A legião estrangeira* que, conforme o título, a autora fala sobre ser estrangeira, destacando, por vezes, as dificuldades em assimilar culturas tão distintas e tão presentes em sua personalidade, remetendo-se a lembranças em diversas partes de sua narrativa, como por exemplo, o momento em que destaca estar “tentando falar sobre aquela família que sumiu há anos sem deixar traços em mim, e de quem me ficara apenas uma imagem esverdeada pela distância” (LISPECTOR, 2016, p. 349), remetendo-se a cultura judia e as crenças defendidas por seus pais, muito presentes em sua vida desde a infância até a fase adulta.

Outro exemplo de trabalho com a temática voltada à cultura estrangeira é a obra “Macacos”, onde Clarice descreve uma imigrante usando do seguinte trecho “Tinha saia, brincos, colar e pulseira de baiana. E um ar de imigrante que ainda desembarca com o traje típico de sua terra. De imigrante também eram seus olhos redondos” (Idem, p. 301). No mesmo conto “Macacos” Clarice parece falar de si, do lugar onde morava, do amor a seus filhos:

[...] Um ano depois, acabava eu de ter uma alegria, quando ali em Copacabana vi um agrupamento. Um homem vendia macaquinhos. Pensei nos meninos, nas alegrias que eles me davam de graça, sem nada a ver com as preocupações que também de graça me davam, imaginei uma cadeia de alegria (LISPECTOR, 2016, p. 300 - 1).

É importante destacar também que a ficcionista conciliou suas escritas literárias de um lado, e a de esposa e mãe do outro, ainda a do jornalismo no qual trabalhava. Às vezes, falava de uma revolta que sentia pelo fato de ter que escrever muito, não se importando como ela estava e desabafava: “ Minha revolta é que para eles eu não sou nada, eu sou apenas preciosa: eles cuidam de mim segundo por segundo, com a mais absoluta falta de amor; sou apenas preciosa” (Idem, p. 311).

Nesta obra, *Macacos*, Lispector fala da liberdade que a escrita lhe dava e como se utilizava dela para passar sua mensagem, mesmo não sendo explicitamente, destacando que através de suas obras ela usava do elemento “mistério” que criava um meio de transmitir, de forma maliciosa, sua sensação de liberdade. A escritora dizia: “não sou boba e aproveito. Inclusive, faço um mal aos outros que, francamente” (Idem, p. 311).

Clarice lia muito. Ela falava do prazer pelas leituras e confessava:

A verdade é que não me sobrava tempo para estudar. As alegrias me ocupavam, ficar atenta me tomava dias e dias, havia os livros de história que eu lia roendo de paixão as unhas até o sabugo, nos meus primeiros êxtases de tristeza, refinamento que eu já descobrira; (...) (Idem, p. 264).

Logo, suas histórias escritas fazem-se lembrar da sua própria história. No trecho do conto: *Restos do carnaval*, entende-se que Clarice perdeu sua mãe quando era bem pequena. A autora registra: “Na minha fome de sentir êxtase, às vezes começava a ficar alegre mas com remorso lembrava-me do estado grave de minha mãe e de novo eu morria” (Idem, p. 400)

Ao escrever *Um sopro de vida*, na mesma época em que “pintava”, Clarice apresenta a personagem Ângela Pralini que, ao mesmo tempo representava seus desejos e realizações na pintura e na escrita dentro do romance e confessa: “Ângela herdou de mim o desejo de escrever e pintar. E herdou esta parte minha, é que não consigo imaginar uma vida sem a arte de escrever ou de pintar ou de fazer música” (VIANA, 1998, p. 54 - 55).

Outro exemplo desta mistura entre o fictício e o real está na produção existente no conto *Perfil de seres eleitos*, que trata fala de pinturas. Lispector assim menciona: “Pensavam, os que dormiam, que o ser eleito, para onde fosse, abriria uma praça como quem desenrola a tela onde pintar” (Idem, p. 380).

Viana (1998) afirma que não se pode dizer que Clarice era uma pintora profissional, pois pintava seus quadros simplesmente para descontrair e relaxar e, ainda, para expressar aquilo que “articulado segundo a temporalidade da lógica sintática, fracassa em representar” (VIANA, 1998, p. 51)

Sobre a temática ‘mulher na Literatura’ percebe-se a dualidade no tratamento do tema. Lobo (1993) afirma que em diversos contos escritos por

autoras mulheres encontra-se a representação da mulher em seu papel de mãe, dona de casa e esposa, buscando assim “superar este quadro limitado em que elas vivem” (LOBO, 1993, p. 32). Os contos apresentavam, assim, uma luta constante em busca da superação da individualidade, relatando em suas narrativas experiências de vivências, restringindo-se à sentimentos imediatos, produzindo obras de contínua reflexão autobiográfica. Ao mesmo tempo em, que autores do sexo masculino como: Flaubert, Proust, Eça de Queiroz, Machado de Assis entre outros, falavam da mulher adúltera (tentando representar a mulher submissa na sua rebeldia) e a colocavam sempre à margem em suas narrativas.

De acordo com Lobo (1993), autoras como Clarice usam de suas obras para, através da voz descritiva, lastimosa e monologal, falar com o leitor sobre temas como decadência do corpo, da solidão, das rugas e perplexidades diante de questões existenciais, não apresentando alternativas para a transposição desta realidade. A autora destaca, ainda, que “o enredo dessas obras centra-se em seu fracasso no amor, no casamento, nos relacionamentos e na perda de esperança no futuro” referindo-se sempre a atividades de trabalho doméstico e à vida familiar.

CAPÍTULO III

Neste capítulo será abordado o conceito de ‘contos’ seguindo os autores: Benedito Nunes (1973), Ricardo Piglia (2004), Júlio Cortázar (1993), Regina Dalcastanè (1997) destacando as características deste gênero nas obras de Clarice, seguido da análise de alguns contos selecionados que servirão de *corpus* da pesquisa, objetivando identificar elementos que trabalhem a temática “submissão da mulher” nos contos da escritora.

3.1 Conceituando ‘Conto’

Há distinção no que tange à definição da palavra ‘conto’. Em uma busca no dicionário, encontramos o significado, remetendo-se inicialmente ao termo *Latino computu* que vem a significar “Narração falada ou escrita” (AURÉLIO, 2012, p. 195).

Como gênero literário, para Piglia (2004, p. 89) “[..] um conto sempre conta duas histórias”, que por sua vez podem ser narradas de forma diferente. Sendo assim, o conto para o autor, não entrega a interpretação pelas palavras. Este gênero explora, em suas entrelinhas, o conhecimento do leitor, levando de maneira enigmática a narrativa para diferentes momentos. O momento da interpretação é influenciado pela maneira de narrar o conto e como cada leitor irá perceber, por exemplo, detalhes simples. Ou seja, “o que é supérfluo numa história é básico na outra” (PIGLIA, 2004, p. 91).

Nunes (1973) afirma que na grande parte dos contos de Clarice há um direcionamento do leitor a um único acontecimento, sendo que:

Como já se tem afirmado, o conto de Clarice Lispector respeita as características fundamentais do gênero, concentrando num só episódio, que lhe serve de núcleo, e que responde a determinado momento da experiência interior, as possibilidades da narrativa (NUNES, 1973, p.78).

A compreensão da temática abordada pela escritora irá, portanto, depender da situação ou experiência vivida pelo leitor que, muitas vezes, se encontra dentro do texto clariceano.

Para Cortázar (1993) “O indício de um grande conto está para mim no que poderíamos chamar a sua autarquia, o fato de que a narrativa se tenha desprendido do autor como uma bolha de sabão do pito de gesso” (Cortázar,1993, p. 229-30). Ou seja, quando escreve um conto, ele tende a escrevê-lo de forma alheia a si próprio, independente, que ao ser lido, têm-se a impressão de ter nascido por si só.

Conforme Dalcastagnè (1997), “há duas vertentes principais no conto moderno”. A primeira é de Edgar Allan Poe e a outra de Anton Tchekhov. Dalcastagnè afirma que no Brasil Clarice Lispector segue com a maioria de seus contos na linha de Tchekhov. Os novos contistas brasileiros, possivelmente influenciados por Clarice, seguem essa mesma tendência.

Além dessas duas tendências anteriores, Dalcastagnè, (1997) cita várias outras vertentes do conto, abrangendo até o romance contemporâneo. Entre elas está a do cinema, em que se destaca a existência de “diálogos rápidos, concisão de estilo, linguagem coloquial fazem narrativas bastantes plásticas [...]” (DALCASTAGNÈ, 1997, p. 08).

Schmidt (2003) contrapõe a ideia do teórico Delcastagnè, afirmando que:

O discutido princípio de Edgar Allan Poe de que todo conto bem feito deve produzir um efeito único e de que este só pode ser obtido num relato de pouca extensão, já podemos ver que as narrativas Clariceanas satisfazem esses requisitos, uma vez que, em sua grande maioria, são breves e podem ser lidas “de uma só assentada”, além de produzirem, invariavelmente, uma forte impressão no leitor. (SCHMIDT, 2003, p. 112).

Ou seja, Schmidt (2003) apresenta uma afirmação oposta à de Dalcastagnè (1997) em que defende que as obras de Clarice possuem características e influências de Tchekhov. Para ela, os contos Clariceanos seguem a tendência de Edgar Allan Poe, pois causam este efeito único, através de uma narrativa breve e emocionante, que prende a atenção e aguça a curiosidade do leitor.

3.2 Características dos Contos de Clarice

Em um primeiro momento é indispensável declarar que Clarice Lispector era comprometida com a escrita, ou seja, com a ficção. Seus contos eram adaptados ao modelo estruturalista. Sendo assim, respeitava rigorosamente as regras tradicionais e aristotélicas, com sua estrutura seguindo a construção com início, meio e fim. Schmidt (2003) explica esta estrutura aristotélica afirmando que a narrativa obedece:

[...] àquela preceptiva tradicional (e aristotélica) da existência de início, meio e fim, correspondendo, na prática clariceana, a uma situação inicial de equilíbrio, que se rompe com a instauração de uma crise levada a um alto grau de densidade e tensão (ocorrendo então o clímax), dando-se aí muitas vezes o desfecho da história, ou então retornando desse ponto a um novo equilíbrio, no epílogo do conto (SCHMIDT, 2003, p. 111).

Seguindo esta estrutura, a escritora construiu 37 anos de carreira que, como lembra Schmidt (2003), estão simbolizadas em suas obras, pois “Clarice nunca deixou de intrigar os seus leitores e a crítica. Particularmente em relação aos contos, o surpreendente é a profundidade do conteúdo” (Idem, p.111). Ao ler Clarice o leitor por vezes, reflete sobre a vida, entre outras reações que especialmente são vistas em seus contos através do não-dito, pois elas não dão respostas e sim, leva a construção de uma visão crítica da vida e da sociedade moderna.

3.3 ANALISE DOS CONTOS SELECIONADOS

3.3.1 Personagens femininas nos contos selecionados

3.3.2 Conto “*Amor*”

A obra selecionada faz parte dos treze contos da obra *Laços de família*, sendo ele o segundo. Sua temática central é o *Amor*, narrado na terceira pessoa (ela) e a história é contada no presente.

No conto analisado a personagem Ana retrata a mulher completamente dependente do esposo, dos filhos, parecendo ser escrava de todos da família, conforme podemos observar no fragmento a seguir: “Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos” (LISPECTOR, 2016, p. 145). Esse tipo de história é comum nos contos da autora.

De acordo com a narrativa, a família de Ana vivia em um apartamento que compraram com muito sacrifício. A narrativa mostra uma situação financeira familiar difícil, pois apresenta os móveis velhos, a cortina feita pela personagem, o fogão que vira e volta dá uns estrondos, enquanto o sorriso que recebido do esposo é de fome, como percebe-se no trecho a seguir “A cozinha enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava uns estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando” (Idem, p. 145).

Para Lobo (1993) a representação do espaço interior nas narrativas está relacionado “ao único universo que as mulheres conhecem desde sua infância, à percepção da família e sua inevitabilidade” (LOBO, 1993, p.52). O tratamento deste ambiente encontra-se presente em vários contos da autora. A cozinha representa o lugar onde a mulher, da década de 70, passa o maior tempo de seu dia, preparando as refeições da família e os demais serviços a ela reservados.

Na verdade, ao observarmos a personagem Ana percebe-se a necessidade que ela tinha de servir a todos, pois foi a forma como ela foi educada, não conhecia outra, então, “Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte, sua corrente de vida” (Idem, p. 145).

Percebe-se que a mulher na década de 70, era representada como responsável pela organização e manutenção do lar, fortalecendo a ideia

defendida por Sales (2010), de que a mulher no conto clariceano é representada como o ser obediente ao marido que cumpre com suas obrigações domésticas concebidas pela sociedade e por ela como algo natural.

Em trechos da narrativa percebe-se, por vezes, a dinâmica diária existente na representação da mulher e a vida da personagem que, durante a história, identifica-se aos fatos que apontava momentos nos quais Ana, inventava sempre algo para preencher e ocupar sua mente. Ou melhor, ela se desdobrava para que tudo fosse encaminhado “no sentido de tornar os dias realizados e belos, com o tempo seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem” (Idem, p. 146).

Ana aceitava a situação na qual estava posta, embora soubesse que, no fundo, existia outra vida, a qual viveu na juventude e que foi esquecida com o tempo. Dessa forma, “Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha com persistência, continuidade, alegria” (Idem, p. 146).

Lobo (1993) afirma que essa característica de mulher retraída é comum nos contos de Lispector. A mulher Clariceana é “(...) sempre uma mulher pensativa e ansiosa, [...], mas de prendas do lar, nunca uma intelectual ou alguém que trabalhe fora – e institui a dúvida do ser. Para que serve, para que existe, qual a função além de cozinhar, lavar, passar?” (LOBO, 1993, p. 30).

Como temos observado, a personagem desse conto não se importava com a felicidade dela própria, pois vivia o drama da opressão, da angústia e da monotonia de cuidar da casa. Assim, Ana vencias suas vontades anteriores ao casamento, mesmo que para isso tivesse que deixar de lado algum sentimento que ainda insistia em brotar dentro dela:

Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas em sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo espanto- ela o abafava com a mesma habilidade que as lides de casa lhe haviam transmitido (Idem, p. 146).

Além dos afazeres de casa, Ana pegava o bonde para ir às compras e levar objetos para consertar. Pode se dizer que esse era o único tempo de descanso dela. Ao voltar para casa, ainda no bonde, Ana se emociona ao ver um cego mascando “chicles”.

A emoção e a agitação observada quando a personagem se depara com a cena do cego, a deixa tão atormentada que, ao olhá-lo parecia ter ódio no olhar, e ao cair em si, já havia a tempo passado de seu ponto de descida. Por alguns instantes, Ana chamou atenção dos outros passageiros. Em seguida, o bonde saiu novamente e ninguém a olhava mais.

A partir daquele momento, caiu sobre si uma crise profunda, o mundo tornou-se preocupante para ela, pois um sentimento estranho, onde, em outros tempos, ela não tinha tempo de sentir. Deste modo, ela rompia com seu passado, por alguns instantes, em êxtase, Ana vivenciava uma sensação de liberdade. Não só ela, mas também as pessoas andavam livres nas ruas, percebeu também que a falta de sentido as deixavam sem saber para onde ir.

Desta maneira percebe-se que este conto de Clarice promove momentos conflitantes entre o “eu/outro”, trazendo muitas indagações em suas leituras. Entretanto, “[...] o conflito eu/ outro, aqui, ainda tem um tratamento superficial, envolvendo seres de características contrárias que se veem frente a frente, em posição de confronto, (...)” (SCHIMDTH, 2003, p. 110).

Ao analisar a estrutura do “O Amor”, vale destacar que para Gotlib (1998) é notável a progressividade que ocorre, pois a experiência de Ana que primeiramente, sai para as compras, pega o bonde e depara-se com cego mascando chicles, leva consigo o leitor a caminhar na leitura e no entranhar-se da mesma experiência.

O Conto prossegue com a descrição de momentos de desorientação e reencontro da personagem, que devido aos seus pensamentos e suas angústias passara de seu ponto de descida e, então, apresenta-se o momento de desligamento da realidade. Gotlib (1998, p. 53) afirma que a personagem renasce, pois experimenta outro tipo de percepção das coisas. Deste modo, “[...] Fazia –se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se perceber” (LISPECTOR, 2016, p.150). Um momento de parar e desligar-se do mundo ao seu redor, pois ela se permite apreciar a imensidão do lugar, com muita tranquilidade, no silêncio podendo ouvir até seus suspiros de alívio e emoção.

No desfecho desta obra, Clarice retrata claramente a volta ao lar e também a submissão da personagem que, após distrair-se, é surpreendida

pelo estouro do fogão. Esta passagem traz o personagem masculino ao ambiente da narrativa, apresentando, neste trecho final uma forte representação do controle masculino diante da fragilidade feminina, captada pelo viés do seguinte excerto: “É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher levando-a consigo sem olhar para traz, afastando-a do perigo de viver” (Idem, p. 155).

A obra, portanto, encerra-se com a visão de paralelo entre a fuga da realidade momentânea, vivida pela personagem, e sua volta à realidade com o fechamento do apagar da vela e o acender de um novo dia. Ciente de que a vida tem um outro lado a ser vivido, a personagem opta por continuar sua vida cotidiana mesmo submissa.

3.3.3 O conto “Feliz Aniversário”

Nesta narrativa ocorre o relato da história de uma família normal, porém numerosa, em que a mãe chamada Anita teve seis filhos homens e somente uma mulher, Zilda. Também, havia bastante netos e bisnetos.

Uma das personagens que neste conto transmite a representação feminina da mulher na década de 70, é Zilda, indicada para cuidar de Dona Anita, uma idosa que precisava de cuidados especiais. Desta forma, conforme as leis convencionais dessa época, em que a mulher era resignada e submissa, dependente total do “poder masculino”, então, já era decidido que ela, Zilda sendo mulher, seria a responsável por estes cuidados tão necessários. A narrativa também demonstra o abandono sofrido pela matriarca da família, que recebe a visita de seus filhos e tem sua família parcialmente reunida apenas em dia de seu aniversário, deixando para a única filha mulher a obrigação de cuidar diariamente de sua mãe, não importando o quanto isso fosse dificultoso para uma pessoa só, determinaram a ela.

Percebe-se no trecho inicial da narrativa um acordo realizado entre os irmãos (homens) que Zilda seria a mais indicada para tal função de cuidadora da idosa, pois ela teria mais tempo e espaço para cuidar a mãe. “(...) E como

Zilda – a única filha mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante” (LISPECTOR, 2016, p.180).

Em um trecho da obra Clarice narra o momento que Zilda resolve comemorar o aniversário de oitenta e nove anos de dona Anita. A personagem convida todos da família, do subúrbio a Copacabana e Ipanema. Neste dia, Zilda organizou tudo, bem cedo, para que nada desse errado na hora da festa.

Dando continuidade à narrativa, Clarice aponta para a falta de um dos filhos que não compareceu à festa, porém, mandara sua esposa e filhos: “O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados” (Idem, p. 179). Percebe-se nesse excerto, outra forte marca da submissão imposta pelo homem. Embora, a festa fosse de dona Anita, sua mãe, e não de sua sogra, o filho fazia-se representar pela esposa.

Nota-se que a narrativa apresenta neste momento uma personagem mulher, também submissa à vontade de seu marido, percebendo nesta atitude que ele a mantinha (esposa e mãe de seus filhos) no controle, como na sociedade patriarcal, de forma em que ele mandava e ela obedecia, mesmo que ela não concordasse. Isto pode ser captado no seguinte fragmento do Conto: “[...] Vim pra não deixar de vir, dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida” (Idem, p. 179).

Outra representação da submissão feminina das mulheres da década de 70, nesta obra de Clarice é o momento em que narra a chegada da nora de Ipanema acompanhada por seus dois filhos e sem o esposo, comprovados no fragmento: “Depois veio a nora de Ipanema com dois netos e a babá. O marido viria depois” (Idem, p. 179).

Ainda no trecho em que a escritora escreve sobre a preparação e organização da festa, ela propositalmente, já dava indicações de que a única filha mulher de dona Anita, a que mais se dedicava e preocupava com o seu bem estar, pois, foi ela que vestiu a aniversariante, logo depois do almoço, e a colocou sentada na cabeceira da mesa. Decorou a sala com balões escritos em Português “Feliz Aniversário” e em inglês “Happy Birthday” e arrumou o bolo. Há ainda, referências ao descaso que seus irmãos e familiares haviam

tido em relação à festa da mãe. Zilda, além de cuidar sozinha dela, não recebia nenhuma ajuda financeira dos irmãos, no sustento da matriarca, conforme se pode observar na Passagem que se segue:

As cunhadas não contribuíram com nenhuma ajuda na festa e seus irmãos também não se lembraram de ajudar financeiramente [...] ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa de fósforos sequer para a comida da festa [...] (Idem, p. 183).

A imagem feminina retratada por Zilda é de mulher sofredora, que, além do cuidado com a mãe, tinha que assumir as despesas da casa sozinha, acatando somente as ordens dos homens da família, sem reclamar.

Assim, enxergamos as outras mulheres descritas pela autora, todas submissas a seus maridos, pois era notável a desunião entre as cunhadas, registrada no excerto a seguir: “Quando a nora de Ipanema pensou que não suportaria nem um segundo mais a situação de estar sentada defronte da concunhada de Olaria – que cheia das ofensas passadas não via um motivo para defitar desafiadora a nora de Ipanema – [...]”

Sobre esta imagem expressa na narrativa, Lobo (1993) coloca que as representações da mulher na literatura da época de 70, apresentam a casa como ambiente no qual se retrata as tensões, conflitos e estruturam uma representação da constituição familiar, “o espaço expressa não apenas as estruturas sociais, mas também as tensões, os conflitos, a dominação entre classes, grupos étnicos, etários e categorias sexuais” (LOBO, 1993, p. 52), neste conto Clarice faz uso destas representações.

No espaço em que transcorria a comemoração, os filhos, já sem assunto, repetiam a mesma frase várias vezes, enquanto aguardavam o seu pedaço de bolo, que na visão do narrador assemelha-se “a primeira talhada”, (LISPECTOR, 2016, p. 184). O termo “talhada” usada nesta passagem remete não apenas a primeira parte cortada do bolo pela aniversariante, mas também, aponta para a primeira pá de terra lançada sobre o caixão, como se a morte de dona Anita, aguardada por seus familiares. Esta interpretação pode ser ratificada no seguinte fragmento: “(...) todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas acotoveladas de animação, “cada um para sua

pazinha” (Idem, p. 184). Ou melhor, todos ansiosos aguardavam a morte da matriarca da família.

O desfecho da história acontece quando dona Anita percebe, como ela sendo tão forte, tivera dado à luz a esses seres “opacos” e fracos. Esta reflexão levou-a para uma ação, pois virou a cabeça de lado e cuspiu no chão, com nojo. Zilda estarrecida e envergonhada tentou explicar, pensando que os irmãos poderiam achar que além de cuidar da mãe, ela tinha obrigação de educá-la, preocupada no que iam falar dela: “(...) e não faltariam muito para dizerem que ela já não dava mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela fazia” (Idem, p.186).

A obrigação de cuidar e dar atenção e carinho aquela senhora de idade que dedicara os melhores anos de sua vida para criá-los, situação que torna-se clara no seguinte trecho da narrativa:

(...) Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado” (LISPECTOR, 2016, p.183). – “Até o ano que vem! Disse José subitamente com malícia, encontrando, assim, sem mais nem menos, a frase certa: uma indireta feliz! Até o ano que vem, heim?, repetiu com receio de não ser compreendido. (Idem, p. 190).

Ainda hoje, com as grandes conquistas adquiridas pelas mulheres, com as lutas, podemos ver mulheres que vivem nesta mesma situação de Zilda. Ela por ser a única filha mulher, foi obrigada a cuidar sozinha da mãe, e arcar com toda a tarefa de modo solitário. E se fosse o pai? Será que ela também teria que cuidá-lo? Diante do sistema social da época, e como foram educados, provavelmente que sim.

A narrativa encerra-se com os filhos refletindo sobre a falta de paciência de Zilda e questionando seus cuidados para com a mãe, mas colocando-se como vítimas da situação pois “eles sinceramente nada podiam fazer a respeito” (Idem, p. 191). Dando a ideia de que a única responsável por cuidar da idosa única filha mulher, Zilda.

Em estado de submissão Zilda expressa-se na obra como uma mulher que tenta agradar a toda família cuidando de sua mãe e usando da festa para mostrar que ela consegue atingir seu objetivo, não preocupando-se com a outra mulher submissa, a idosa que ao fim do conto apenas questiona-se, se

naquele dia de festa iriam lhe ofertar o jantar, após horas e horas sentada na cabeceira da mesa.

As análises permitem identificar elementos que comprovam a questão da submissão da mulher na década de 70, uma vez que nos dois contos analisados as mulheres descritas por Clarice são apresentadas em ambiente doméstico e estão com suas vidas ligadas à necessidade de atender e agradar à família e ao marido. Este comportamento revela ao leitor, o incômodo que as mulheres sofriam diante das situações de submissão apresentadas no Conto, pois questionam-se a todo momento se as suas ações estão de acordo com o que marido, irmão e sociedade esperam delas.

Estas representações podem ser interpretadas como forma de Clarice demonstrar ao público leitor sua própria experiência como mulher na década de 70. A escritora, por meio de seus escritos, transmitia de forma clara e objetiva sua percepção de mundo, usando diversas vezes de suas obras demonstrar seus sentimentos, emoções e angústias.

Essa atitude de angústia da escritora, como mulher submissa e dependente do marido, ela deixou claro em sua biografia de “*Uma Vida Que Se Conta*”, por Gotlib (1995), que Clarice enquanto era casada e vivendo no exterior, também demonstrou sua insatisfação em ser esposa, dizendo: “Todo esse mês de viagem, nada tenho feito, nem lido, nem nada. Sou inteiramente Clarice Gurgel Valente”. Clarice Lispector.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, evidenciamos “A representação da submissão da mulher nos contos *Amor e Feliz Aniversário* de Clarice Lispector”, com um olhar feminino, através do sistema patriarcal da década de 70. O tema mulher na literatura é vista de várias formas, conforme o olhar que se tem dela, por exemplo: como amante, amor inalcançável, sonhadora, triste, submissa.

Na verdade, conclui-se, após as leituras, que Clarice deixava escapar, sem pretensão, como também nos seus contos parte da sua intimidade e do desgosto. E isto, ela transmite com sensibilidade aos seus leitores, como os temas: submissão, do cotidiano cansativo e estressante da mulher, da fragilidade, da amargura, entre outros. Sendo assim, a mulher da década de 70, representada por Clarice, era limitada apenas ao serviço doméstico e a obediência ao pai, depois ao esposo e aos cuidados com os filhos.

Também percebemos, a importância do olhar feminino, como da escritora Clarice Lispector, que trabalham em suas obras temas que permeiam entre a submissão até o fortalecimento da mulher na Literatura.

Em seus contos, percebemos o avanço gradivo do papel da mulher, mesmo que as personagens voltassem para suas casas, porém, com um “novo olhar”, mais fortalecida.

Assim, é visível que o feminismo marcou a vida e as obras da escritora Clarice Lispector, tendo ela compromisso com as letras e com o social, usando a Literatura para transmitir sua mensagem.

Os contos analisados de Lispector “*Amor e Feliz Aniversário*”, são marcadas por personagens frágeis, como Ana do conto “*Amor*” que ao se deparar com o cego e levada para o Jardim Botânico, consegue enxergar o lado bom da vida. E Zilda, irônica e amarga, pois por ser a única filha mulher na família, foi obrigada a cuidar sozinha da mãe, em “*Feliz Aniversário*”. Apesar das personagens serem completamente distintas, uma frágil e outra amarga, ambas são mulheres, dependente do marido, dos irmãos e filhos. Também a protagonista dona Anita, sentia-se vencida pelo descaso de seus familiares.

Finalizando nossa pesquisa, constatamos que apesar das fortes lutas travadas por mulheres, que na década de 70, que lutaram por nossas liberdades e direitos alcançados, constatamos que ainda faltam, muitas batalhas por vencer e grandes barreiras a derrubar para se ter a verdadeira liberdade.

REFERÊNCIAS

CORTÁZAR, Julio. **Do conto breve seus arredores**. Tradução Davi Arrigucci Jr. E João Alexandre Barbosa. 2ª edição, editora Perspectiva, São Paulo, 1993, p.227-237.

COSTA, Iria Henrique; ANDROSIO, Valéria de Oliveira. **As transformações do papel da mulher na contemporaneidade. 2010. Artigo.**

DALCASTEAGNÈ, Regina. **Renovação e permanência: O conto brasileiro da última década**. Revista Ficção, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio – o dicionário da língua portuguesa. 8ª ed. Revista, atualizada e ampliada. Coordenação de edição Marina Baird Ferreira. Curitiba: Positivo, 2010.

FIDÊNCIO, Luana Marques. **As crônicas de Clarice Lispector e a questão autobiográfica**. Uberlândia, 2012. Artigo.

- FILHO, Ildelfonso Alves de Carvalho; RAFAEL, Maria Teresa Rabelo. **A representação da condição feminina em contos de Clarice Lispector**. 2002. Artigo
- GOTLIB, Nádía Battela. **Clarice: Uma vida que se conta**. Editora Ática, São Paulo, 1995, 493 p.
- GOTLIB, Nádía Battella. **"Teoria do Conto"** – 8ª edição – São Paulo: Ática, 1995, 95p
- POLI, Maria Cristina. **Uma escrita feminina da obra de Clarice Lispector**. Psico.Porto Alegre, PURCR. V.40, p.p 438-442, out/dez, 2009.
- LISPECTOR, Clarice. **Crítica e Interpretação I**. II Série, 1925.
- LISPECTOR, Clarice: **Todos os Contos**, 1ª edição, Rocco, Rio de Janeiro < 2016.
- LOBO, Luiza. **Crítica sem Juízo**. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1993, 259 p.
- MANZO, Lícia. Era uma Vez: Eu. **A não-ficção na obra de Clarice Lispector**. Juiz de Fora, Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2001.
- NUNES, Benedito. **A forma do conto Leitura de Clarice Lispector**. São Paulo, Quiron, 1973.
- OLIVEIRA, Maria Elisa. **Considerações a respeito do existencialismo na obra de Clarice Lispector**. Transformação, São Paulo, 12:47-56, 1989.
- PIGLIA, Ricardo. **Teses sobre o conto**. IN_, Formas breves. Trad. José Marcos Marini de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. P.87-94.
- SANTOS, Taysa Silva. **Condição feminina: dupla jornada de trabalho**. Bahia, 2012. Artigo
- SOUZA, Dayane Ariel; KAZMIERCZAK, Marília; COUTO, Rafaela. **Mulher e sociedade: Como podemos compreender as mulheres à luz de seus direitos sociais na contemporaneidade**. 2019. Artigo.
- SHMIDT, Rita Terezinha. **A ficção de Clarice: Nas fronteiras do (im)possível**. Porto Alegre. Editora Sagra Luzzatto, 2003, 224 p.
- YAMAMOTO, Caio Tango. **A evolução dos direitos das mulheres até a criação da Lei n. 11.340/2006**. Boletim Jurídico, Uberaba/MG, a. 12, no 752. Disponível em: <<https://www.boletimjuridico.com.br/doutrina/texto.asp?id=2217>> Acesso em: 11 ago. 2017.

ZILBERMAN, Regina. **Clarice Lispector: A narração do Indivisível**. Artes e Ofícios, Porto Alegre, 1998.

ANEXOS

1 – Conto: “Amor”

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador.

Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas. E cresciam árvores. Crescia sua rápida conversa com o cobrador de luz, crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o marido chegando com os jornais e sorrindo de fome, o canto importuno das empregadas do edifício. Ana dava a tudo, tranquilamente, sua mão pequena e forte sua corrente de vida.

Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela. Quando nada mais precisava de sua força, inquietava-se. No entanto sentia-se mais sólida do que nunca, seu corpo engrossara um pouco e era de se ver o modo como cortava blusas para os meninos, a grande tesoura dando estalidos na fazenda. Todo o seu desejo vagamente artístico encaminhara-se há muito no sentido de tornar os dias realizados e belos; com o tempo, seu gosto pelo decorativo se desenvolvera e suplantara a íntima desordem. Parecia ter descoberto que tudo era passível de aperfeiçoamento, a cada coisa se emprestaria uma aparência harmoniosa; a vida podia ser feita pela mão do homem.

No fundo, Ana sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha — com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e o escolhera.

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família

distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto — ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido. Saía então para fazer compras ou levar objetos para consertar, cuidando do lar e da família à revelia deles. Quando voltasse era o fim da tarde e as crianças vindas do colégio exigiam-na. Assim chegaria a noite, com sua tranqüila vibração. De manhã acordaria aureolada pelos calmos deveres. Encontrava os móveis de novo empoeirados e sujos, como se voltassem arrependidos. Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo. E alimentava anonimamente a vida.

Estava bom assim. Assim ela o quisera e escolhera.

O bonde vacilava nos trilhos, entrava em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. Ana respirou profundamente e uma grande aceitação deu a seu rosto um ar de mulher.

O bonde se arrastava, em seguida estacava. Até Humaitá tinha tempo de descansar. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.

A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.

O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar — o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mascava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir —

como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada — o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão — Ana deu um grito, o condutor deu ordem de parada antes de saber do que se tratava — o bonde estacou, os passageiros olharam assustados.

Incapaz de se mover para apanhar suas compras, Ana se aprumava pálida. Uma expressão de rosto, há muito não usada, ressurgia-lhe com dificuldade, ainda incerta, incompreensível. O moleque dos jornais ria entregando-lhe o volume. Mas os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede. O cego interrompera a mastigação e avançava as mãos inseguras, tentando inutilmente pegar o que acontecia. O embrulho dos ovos foi jogado fora da rede e, entre os sorrisos dos passageiros e o sinal do condutor, o bonde deu a nova arrancada de partida.

Poucos instantes depois já não a olhavam mais. O bonde se sacudia nos trilhos e o cego mascando goma ficara atrás para sempre. Mas o mal estava feito.

A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos? A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas da rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão — e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir. Perceber uma ausência de lei foi tão súbito que Ana se agarrou ao banco da

frente, como se pudesse cair do bonde, como se as coisas pudessem ser revertidas com a mesma calma

Com que não o eram.

O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada. O calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas. Na Rua Voluntários da Pátria parecia prestes a rebentar uma revolução, as grades dos esgotos estavam secas, o ar empoeirado. Um cego mascando chicletes mergulhara o mundo em escura sofreguidão. Em cada pessoa forte havia a ausência de piedade pelo cego e as pessoas assustavam-na com o vigor que possuíam. Junto dela havia uma senhora de azul, com um rosto. Desviou o olhar, depressa. Na calçada, uma mulher deu um empurrão no filho! Dois namorados entrelaçavam os dedos sorrindo... E o cego? Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa.

Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separava uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite - tudo feito de modo a que um dia se seguisse ao outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca.

Só então percebeu que há muito passara do seu ponto de descida. Na fraqueza em que estava, tudo a atingia com um susto; desceu do bonde com pernas débeis, olhou em torno de si, segurando a rede suja de ovo. Por um momento não conseguia orientar-se. Parecia ter saltado no meio da noite.

Era uma rua comprida, com muros altos, amarelos. Seu coração batia de medo, ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar e um vento mais morno e mais misterioso rodeava-lhe o rosto. Ficou parada olhando o muro. Enfim pôde localizar-se. Andando um pouco mais ao longo de uma sebe, atravessou os portões do

Jardim

Botânico.

Andava pesadamente pela alameda central, entre os coqueiros. Não havia ninguém no Jardim. Depositou os embrulhos na terra, sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo.

A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava sua respiração. Ela adormecia dentro de si.

De longe via a aléia onde a tarde era clara e redonda. Mas a penumbra dos ramos cobria o atalho.

Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas surpresas entre os cipós. Todo o Jardim triturado pelos instantes já mais apressados da tarde. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? Como por um zunido de abelhas e aves. Tudo era estranho, suave demais, grande demais.

Um movimento leve e íntimo a sobressaltou — voltou-se rápida. Nada parecia se ter movido. Mas na aléia central estava imóvel um poderoso gato. Seus pêlos eram macios. Em novo andar silencioso, desapareceu.

Inquieta, olhou em torno. Os ramos se balançavam, as sombras vacilavam no chão. Um pardal ciscava na terra. E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se perceber.

Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. Havia no chão caroços secos cheios de circunvoluções, como pequenos cérebros apodrecidos. O banco estava manchado de sucos roxos. Com suavidade intensa rumorejavam as águas. No tronco da árvore pregavam-se as luxuosas patas de uma aranha. A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.

Ao mesmo tempo que imaginário — era um mundo de se comer com os dentes, um mundo de volumosas dalias e tulipas. Os troncos eram percorridos por parasitas folhudas, o abraço era macio, colado. Como a repulsa que precedesse uma entrega — era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.

As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. Quando Ana pensou que havia crianças e homens grandes com fome, a náusea subiu-lhe à garganta, como se ela estivesse grávida e abandonada. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio, onde vitórias-régias boiavam monstruosas. As pequenas flores espalhadas na relva não lhe pareciam amarelas ou rosadas, mas cor de mau ouro e escarlates. A decomposição era profunda, perfumada... Mas todas as pesadas coisas, ela via com a cabeça rodeada por um enxame de insetos enviados pela vida mais fina do mundo. A brisa se insinuava entre as flores. Ana mais adivinhava que sentia o seu cheiro adocicado... O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

Era quase noite agora e tudo parecia cheio, pesado, um esquilo voou na sombra. Sob os pés a terra estava fofa, Ana aspirava-a com delícia. Era fascinante, e ela sentia nojo.

Mas quando se lembrou das crianças, diante das quais se tornara culpada, ergueu-se com uma exclamação de dor. Agarrou o embrulho, avançou pelo atalho obscuro, atingiu a alameda. Quase corria — e via o Jardim em torno de si, com sua impersonalidade soberba. Sacudiu os portões fechados, sacudia-os segurando a madeira áspera. O vigia apareceu espantado de não a ter visto.

Enquanto não chegou à porta do edifício, parecia à beira de um desastre. Correu com a rede até o elevador, sua alma batia-lhe no peito — o que sucedia? A piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu. Abriu a porta de casa. A sala era grande,

quadrada, as maçanetas brilhavam limpas, os vidros da janela brilhavam, a lâmpada brilhava — que nova terra era essa? E por um instante a vida sadia que levara até agora pareceu-lhe um modo moralmente louco de viver. O menino que se aproximou correndo era um ser de pernas compridas e rosto igual ao seu, que corria e a abraçava. Apertou-o com força, com espanto. Protegia-se tremula. Porque a vida era periclitante. Ela amava o mundo, amava o que fora criado — amava com nojo. Do mesmo modo como sempre fora fascinada pelas ostras, com aquele vago sentimento de asco que a aproximação da verdade lhe provocava, avisando-a. Abraçou o filho, quase a ponto de machucá-lo. Como se soubesse de um mal — o cego ou o belo Jardim Botânico? — agarrava-se a ele, a quem queria acima de tudo. Fora atingida pelo demônio da fé. A vida é horrível, disse-lhe baixo, faminta. O que faria se seguisse o chamado do cego? Iria sozinha... Havia lugares pobres e ricos que precisavam dela. Ela precisava deles... Tenho medo, disse. Sentia as costelas delicadas da criança entre os braços, ouviu o seu choro assustado. Mamãe, chamou o menino. Afastou-o, olhou aquele rosto, seu coração crispou-se. Não deixe mamãe te esquecer, disse-lhe. A criança mal sentiu o abraço se afrouxar, escapou e correu até a porta do quarto, de onde olhou-a mais segura. Era o pior olhar que jamais recebera. O sangue subiu-lhe ao rosto, esquentando-o.

Deixou-se cair numa cadeira com os dedos ainda presos na rede. De que tinha vergonha?

Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver.

Já não sabia se estava do lado do cego ou das espessas plantas. O homem pouco a pouco se distanciara e em tortura ela parecia ter passado para o lados que lhe haviam ferido os olhos. O Jardim Botânico, tranqüilo e alto, lhe revelava. Com horror descobria que pertencia à parte forte do mundo — e que

nome se deveria dar a sua misericórdia violenta? Seria obrigada a beijar um leproso, pois nunca seria apenas sua irmã. Um cego me levou ao pior de mim mesma, pensou espantada. Sentia-se banida porque nenhum pobre beberia água nas suas mãos ardentes. Ah! era mais fácil ser um santo que uma pessoa! Por Deus, pois não fora verdadeira a piedade que sondara no seu coração as águas mais profundas? Mas era uma piedade de leão.

Humilhada, sabia que o cego preferiria um amor mais pobre. E, estremeando, também sabia por quê. A vida do Jardim Botânico chamava-a como um lobisomem é chamado pelo luar. Oh! mas ela amava o cego! pensou com os olhos molhados. No entanto não era com este sentimento que se iria a uma igreja. Estou com medo, disse sozinha na sala. Levantou-se e foi para a cozinha ajudar a empregada a preparar o jantar.

Mas a vida arrepiava-a, como um frio. Ouvia o sino da escola, longe e constante. O pequeno horror da poeira ligando em fios a parte inferior do fogão, onde descobriu a pequena aranha. Carregando a jarra para mudar a água - havia o horror da flor se entregando lânguida e asquerosa às suas mãos. O mesmo trabalho secreto se fazia ali na cozinha. Perto da lata de lixo, esmagou com o pé a formiga. O pequeno assassinato da formiga. O mínimo corpo tremia. As gotas d'água caíam na água parada do tanque. Os besouros de verão. O horror dos besouros inexpressivos. Ao redor havia uma vida silenciosa, lenta, insistente. Horror, horror. Andava de um lado para outro na cozinha, cortando os bifés, mexendo o creme. Em torno da cabeça, em ronda, em torno da luz, os mosquitos de uma noite cálida. Uma noite em que a piedade era tão crua como o amor ruim. Entre os dois seios escorria o suor. A fé a quebrantava, o calor do forno ardia nos seus olhos.

Depois o marido veio, vieram os irmãos e suas mulheres, vieram os filhos dos irmãos.

Jantaram com as janelas todas abertas, no nono andar. Um avião estremeia, ameaçando no calor do céu. Apesar de ter usado poucos ovos, o jantar estava

bom. Também suas crianças ficaram acordadas, brincando no tapete com as outras. Era verão, seria inútil obrigá-las a dormir. Ana estava um pouco pálida e ria suavemente com os outros. Depois do jantar, enfim, a primeira brisa mais fresca entrou pelas janelas. Eles rodeavam a mesa, a família. Cansados do dia, felizes em não discordar, tão dispostos a não ver defeitos. Riam-se de tudo, com o coração bom e humano. As crianças cresciam admiravelmente em torno deles. E como a uma borboleta, Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu.

Depois, quando todos foram embora e as crianças já estavam deitadas, ela era uma mulher bruta que olhava pela janela. A cidade estava adormecida e quente. O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo? Qualquer movimento seu e pisaria numa das crianças. Mas com uma maldade de amante, parecia aceitar que da flor saísse o mosquito, que as vitórias-régias boiassem no escuro do lago. O cego pendia entre os frutos do Jardim Botânico.

Botânico.

Se fora um estouro do fogão, o fogo já teria pegado em toda a casa! pensou correndo para a cozinha e deparando com o seu marido diante do café derramado.

— O que foi?! Gritou vibrando toda.

Ele se assustou com o medo da mulher. E de repente riu entendendo:

— Não foi nada, disse, sou um desajeitado. Ele parecia cansado, com olheiras.

Mas diante do estranho rosto de Ana, espiou-a com maior atenção. Depois atraiu-a a si, em rápido afago.

— Não quero que lhe aconteça nada, nunca! disse ela.

— Deixe que pelo menos me aconteça o fogão dar um estouro, respondeu ele sorrindo.

Ela continuou sem força nos seus braços. Hoje de tarde alguma coisa tranqüila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver.

Acabara-se a vertigem de bondade.

E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia.

2 – Conto “Feliz Aniversário”

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeite de

paetês e um drapeado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados — e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.

Tendo Zilda — a filha com quem a aniversariante morava — disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara fechada aos de casa, aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição de ultrajada. "Vim para não deixar de vir", dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida. As duas mocinhas de cor-de-rosa e o menino, amarelos e de cabelo penteado, não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe, impressionados com seu vestido azul-marinho e com os paetês.

Depois veio a nora de Ipanema com dois netos e a babá. O marido viria depois. E como Zilda — a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante — e como Zilda estava na cozinha a ultimar com a empregada os croquetes e sanduíches, ficaram: a nora de Olaria empertigada com seus filhos de coração inquieto ao lado; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria; a babá ociosa e uniformizada, com a boca aberta.

E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.

Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sungados pelo teto em alguns dos quais estava escrito "Happy Birthday!", em outros "Feliz Aniversário!" No centro havia disposto o enorme bolo açucarado. Para

adiantar o expediente, enfeitara a mesa logo depois do almoço, encostara as cadeiras à parede, mandara os meninos brincar no vizinho para não desarrumar a mesa.

E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado — sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa.

De vez em quando consciente dos guardanapos coloridos. Olhando curiosa um ou outro balão estremecer aos carros que passavam. E de vez em quando aquela angústia muda: quando acompanhava, fascinada e impotente, o vôo da mosca em torno do bolo.

Até que às quatro horas entrara a nora de Olaria e depois a de Ipanema.

Quando a nora de Ipanema pensou que não suportaria nem um segundo mais a situação de estar sentada defronte da concunhada de Olaria — que cheia das ofensas passadas não via um motivo para desfitar desafiadora a nora de Ipanema — entraram enfim José a família. E mal eles se beijavam, a sala começou a ficar cheia de gente que ruidosa se cumprimentava como se todos tivessem esperado embaixo o momento de, em afobação de atraso, subir os três lances de escada, falando, arrastando crianças surpreendidas, enchendo a sala — e inaugurando a festa.

Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca.

— Oitenta e nove anos, sim senhor! disse José filho mais velho agora que Jonga tinha morrido. — Oitenta e nove anos, sim senhora! disse esfregando as mãos em admiração pública e como sinal imperceptível para todos.

Todos se interromperam atentos e olharam a aniversariante de um modo mais oficial. Alguns abanaram a cabeça em admiração como a um recorde. Cada ano vencido pela aniversariante era uma vaga etapa da família toda. Sim senhor! Disseram alguns sorrindo timidamente.

— Oitenta e nove anos!, ecoou Manoel que era sócio de José é um brotinho!, disse espirituoso e nervoso, e todos riram, menos sua esposa.

A velha não se manifestava.

Alguns não lhe haviam trazido presente nenhum. Outros trouxeram saboneteira, uma combinação de jérsei, um broche de fantasia, um vasinho de cactos — nada, nada que a dona da casa pudesse aproveitar para si mesma ou para seus filhos, nada que a própria aniversariante pudesse realmente aproveitar constituindo assim uma economia: a dona da casa guardava os presentes, amarga, irônica.

— Oitenta e nove anos! repetiu Manoel aflito, olhando para a esposa.

A velha não se manifestava.

Então, como se todos tivessem tido a prova final de que não adiantava se esforçarem, com um levantar de ombros de quem estivesse junto de uma surda, continuaram a fazer a festa sozinhos, comendo os primeiros sanduíches de presunto mais como prova de animação que por apetite, brincando de que todos estavam morrendo de fome. O ponche foi servido, Zilda suave, nenhuma cunhada ajudou propriamente, a gordura quente dos croquetes dava um cheiro de piquenique; e de costas para a aniversariante, que não podia comer frituras, eles riam inquietos. E Cordélia? Cordélia, a nora mais moça, sentada, sorrindo.

— Não senhor! respondeu José com falsa severidade, hoje não se fala em

negócios!

— Está certo, está certo! Recuou Manoel depressa, olhando rapidamente para sua mulher que de longe estendia um ouvido atento.

— Nada de negócios, gritou José hoje é o dia da mãe!

Na cabeceira da mesa já suja, os copos maculados, só o bolo inteiro — ela era a mãe. A aniversariante piscou os olhos.

E quando a mesa estava imunda, as mães enervadas com o barulho que os filhos faziam, enquanto as avós se recostavam complacentes nas cadeiras, então fecharam a inútil luz do corredor para acender a vela do bolo, uma vela grande com um papelzinho colado onde estava escrito "89". Mas ninguém elogiou a ideia de Zilda, e ela se perguntou angustiada se eles não estariam pensando que fora por economia de velas — ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa de fósforos sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado. Então acenderam a vela. E então José o líder, cantou com muita força, entusiasmando com um olhar autoritário os mais hesitantes ou surpreendidos, "vamos! todos de uma vez!" — e todos de repente começaram a cantar alto como soldados. Despertada pelas vozes, Cordélia olhou esbaforida. Como não haviam combinado, uns cantaram em português e outros em inglês. Tentaram então corrigir: e os que haviam cantado em inglês passaram a português, e os que haviam cantado em português passaram a cantar bem baixo em inglês.

Enquanto cantavam, a aniversariante, à luz da vela acesa, meditava como junto de uma lareira.

Escolheram o bisneto menor que, debruçado no colo da mãe encorajadora, apagou a chama com um único sopro cheio de saliva! Por um instante bateram

palmas ?potência inesperada do menino que, espantado e exultante, olhava para todos encantado. A dona da casa esperava com o dedo pronto no comutador do corredor - e acendeu a lâmpada.

__ Viva mamãe!

__ Viva vovó!

— Viva D. Anita, disse a vizinha que tinha aparecido.

— Happy birthday! gritaram os netos, do Colégio Bennett.

Bateram ainda algumas palmas ralas.

A aniversariante olhava o bolo apagado, grande e seco.

— Parta o bolo, vovó disse a mãe dos quatro filhos, é ela quem deve partir! assegurou incerta a todos, com ar íntimo e intrigante. E, como todos aprovassem satisfeitos e curiosos, ela se tornou de repente impetuosa: — parta o bolo, vovó!

E de súbito a velha pegou na faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para a frente, deu a primeira talhada com punho de assassina.

— Que força, segredou a nora de Ipanema, e não se sabia se estava escandalizada ou agradavelmente surpreendida. Estava um pouco horrorizada.

— Há um ano atrás ela ainda era capaz de subir essas escadas com mais fôlego do que eu, disse Zilda amarga.

Dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas acotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha.

Em breve as fatias eram distribuídas pelos pratinhos, num silêncio cheio de rebuliço. As crianças pequenas, com a boca escondida pela mesa e os olhos ao nível desta, acompanhavam a distribuição com muda intensidade. As passas rolavam do bolo entre farelos secos. As crianças angustiadas viam se desperdiçarem as passas, acompanhavam atentas a queda.

E quando foram ver, não é que a aniversariante já estava devorando o seu último bocado?

E por assim dizer a festa estava terminada. Cordélia olhava ausente para todos, sorria.

— Já lhe disse: hoje não se fala em negócios! Respondeu José radiante.

— Está certo, está certo! Recolheu-se Manoel conciliador sem olhar a esposa que não o desfitava. Está certo, tentou Manoel sorrir e uma contração passou-lhe rápido pelos músculos da cara.

— Hoje é dia da mãe! disse José!

Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era a mãe. A aniversariante piscou. Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente ?cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração, Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada. Cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e intumescido naquela cabecinha ardente, confusa. Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido

tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

— Mamãe! gritou mortificada a dona da casa. Que é isso, mamãe! gritou ela passada de vergonha, e não queria sequer olhar os outros, sabia que os desgraçados se entreolhavam vitoriosos como se coubesse a ela dar educação?velha, e não faltaria muito para dizerem que ela já não dava mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela fazia. — Mamãe, que é isso! — disse baixo, angustiada. — A senhora nunca fez isso! — acrescentou alto para que todos ouvissem, queria se agregar ao espanto dos outros, quando o galo cantar pela terceira vez renegará tua mãe. Mas seu enorme vexame suavizou-se quando ela percebeu que eles abanavam a cabeça como se estivessem de acordo que a velha não passava agora de uma criança.

— Ultimamente ela deu pra cuspir, terminou então confessando contrita para todos.

Todos olharam a aniversariante, compungidos, respeitosos, em silêncio.

Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Os meninos, embora crescidos — provavelmente já além dos cinquenta anos, que sei eu! — os meninos ainda conservavam os traços bonitinhos. Mas que mulheres haviam escolhido! E que mulheres os netos — ainda mais fracos e mais azedos — haviam escolhido. Todas vaidosas e de pernas finas, com aqueles colares falsificados de mulher que na hora não aguenta a mão, aquelas mulherezinhas que casavam mal os

filhos, que não sabiam pôr uma criada em seu lugar, e todas elas com as orelhas cheias de brincos — nenhum, nenhum de ouro! A raiva a sufocava.

— Me dá um copo de vinho! disse.

O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão.

— Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosa a neta roliça e baixinha.

— Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. — Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! me dum copo de vinho, Dorothy! — ordenou.

Dorothy não sabia o que fazer, olhou para todos em pedido cômico de socorro. Mas, como máscaras isentas e inapeláveis, de súbito nenhum rosto se manifestava. A festa interrompida, os sanduíches mordidos na mão, algum pedaço que estava na boca a sobrar seco, inchando tão fora de hora a bochecha. Todos tinham ficado cegos, surdos e mudos, com croquetes na mão. E olhavam impassíveis.

Desamparada, divertida, Dorothy deu o vinho: astuciosamente apenas dois dedos no copo. Inexpressivos, preparados, todos esperaram pela tempestade.

Mas não só a aniversariante não explodiu com a miséria de vinho que Dorothy lhe dera como não mexeu no copo. Seu olhar estava fixo, silencioso. Como se nada tivesse acontecido.

Todos se entreolharam polidos, sorrindo cegamente, abstratos como se um cachorro tivesse feito pipi na sala. Com estoicismo, recomeçaram as vozes e risadas. A nora de Olaria, que tivera o seu primeiro momento uníssonos com os outros quando a tragédia vitoriosamente parecia prestes a se desencadear, teve que retornar sozinha à sua severidade, sem ao menos o apoio dos três

filhos que agora se misturavam traidoramente com os outros. De sua cadeira reclusa, ela analisava crítica aqueles vestidos sem nenhum modelo, sem um drapeado, a mania que tinham de usar vestido preto com colar de pérolas, o que não era moda coisa nenhuma, não passava era de economia. Examinando distante os sanduíches que quase não tinham levado manteiga. Ela não se servira de nada, de nada! Só comera uma coisa de cada, para experimentar.

E por assim dizer, de novo a festa estava terminada. As pessoas ficaram sentadas benevolentes. Algumas com a atenção voltada para dentro de si, à espera de alguma coisa a dizer. Outras vazias e expectantes, com um sorriso amável, o estômago cheio daquelas porcarias que não alimentavam mas tiravam a fome. As crianças, já incontroláveis, gritavam cheias de vigor. Umas já estavam de cara imunda; as outras, menores, já molhadas; a tarde cala rapidamente. E Cordélia, Cordélia olhava ausente, com um sorriso estonteado, suportando sozinha o seu segredo. Que é que ela tem? alguém perguntou com uma curiosidade negligente, indicando-a de longe com a cabeça, mas também não responderam. Acenderam o resto das luzes para precipitar a tranquilidade da noite, as crianças começavam a brigar. Mas as luzes eram mais pálidas que a tensão pálida da tarde. E o crepúsculo de Copacabana, sem ceder, no entanto se alargava cada vez mais e penetrava pelas janelas como um peso.

— Tenho que ir, disse perturbada uma das noras levantando-se e sacudindo os farelos da saia. Vários se ergueram sorrindo.

A aniversariante recebeu um beijo cauteloso de cada um como se sua pele tão infamiliar fosse uma armadilha. E, impassível, piscando, recebeu aquelas palavras propositadamente atropeladas que lhe diziam tentando dar um final arranco de efusão ao que não era mais senão passado: a noite já viera quase totalmente. A luz da sala parecia então mais amarela e mais rica, as pessoas envelhecidas. As crianças já estavam histéricas.

— Será que ela pensa que o bolo substitui o jantar, indagava-se a velha nas suas profundezas.

Mas ninguém poderia adivinhar o que ela pensava. E para aqueles que junto da porta ainda a olharam uma vez, a aniversariante era apenas o que parecia ser: sentada à cabeceira da mesa imunda, com a mão fechada sobre a toalha como encerrando um cetro, e com aquela mudez que era a sua última palavra. Com um punho fechado sobre a mesa, nunca mais ela seria apenas o que ela pensasse. Sua aparência afinal a ultrapassara e, superando-a, se agigantava serena. Cordélia olhou-a espantada. O punho mudo e severo sobre a mesa dizia para a infeliz nora que sem remédio amava talvez pela última vez: É preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta.

Porém nenhuma vez mais repetiu. Porque a verdade era um relance. Cordélia olhou-a estarecida. E, para nunca mais, nenhuma vez repetiu — enquanto Rodrigo, o neto da aniversariante, puxava a mão daquela mãe culpada, perplexa e desesperada que mais uma vez olhou para trás implorando a velhice ainda um sinal de que uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim agarrar a sua derradeira chance e viver. Mais uma vez Cordélia quis olhar.

Mas a esse novo olhar — a aniversariante era uma velha à cabeceira da mesa.

Passara o relance. E arrastada pela mão paciente e insistente de Rodrigo a nora seguiu-o espantada.

— Nem todos têm o privilégio e o orgulho de se reunirem em torno da mãe, pigarreou Joé lembrando-se de que Jonga é quem fazia os discursos.

— Da mãe, vírgula! riu baixo a sobrinha, e a prima mais lenta riu sem achar graça.

— Nós temos, disse Manoel acabrunhado sem mais olhar para a esposa. Nós temos esse grande privilégio disse distraído enxugando a palma úmida das mãos.

Mas não era nada disso, apenas o mal-estar da despedida, nunca se sabendo ao certo o que dizer, José esperando de si mesmo com perseverança e confiança a próxima frase do discurso. Que não vinha. Que não vinha. Que não vinha. Os outros aguardavam. Como Jonga fazia falta nessas horas — José enxugou a testa com o, lenço — como Jonga fazia falta nessas horas! Também fora o único a quem a velha sempre aprovara e respeitara, e isso dera a Jonga tanta segurança. E quando ele morrera, a velha nunca mais falara nele, pondo um muro entre sua morte e os outros. Esquecera-o talvez. Mas não esquecera aquele mesmo olhar firme e direto com que desde sempre olhara os outros filhos, fazendo-os sempre desviar os olhos. Amor de mãe era duro de suportar: José enxugou a testa, heroico, risonho.

E de repente veio a frase:

— Até o ano que vem! Disse José subitamente com malícia, encontrando, assim, sem mais nem menos, a frase certa: uma indireta feliz! Até o ano que vem, hein?, repetiu com receio de não ser compreendido.

Olhou-a, orgulhoso da artimanha da velha que espertamente sempre vivia mais um ano.

— No ano que vem nos veremos diante do bolo aceso! esclareceu melhor o filho Manoel, aperfeiçoando o espírito do sócio. Até o ano que vem, mamãe! e diante do bolo aceso! disse ele bem explicado, perto de seu ouvido, enquanto olhava obsequioso para José E a velha de súbito cacarejou um riso frouxo, compreendendo a alusão.

Então ela abriu a boca e disse:

— Pois ?

Estimulado pela coisa ter dado tão inesperadamente certo, José gritou-lhe

emocionado, grato, com os olhos úmidos:

— No ano que vem nos veremos, mamãe!

— Não sou surda! disse a aniversariante rude, acarinhada.

Os filhos se olharam rindo, vexados, felizes. A coisa tinha dado certo.

As crianças foram saindo alegres, com o apetite estragado. A nora de Olaria deu um cascudo de vingança no filho alegre demais e já sem gravata. As escadas eram difíceis, escuras, incrível insistir em morar num prediozinho que seria fatalmente demolido mais dia menos dia, e na ação de despejo Zilda ainda ia dar trabalho e querer empurrar a velha para as noras — pisado o último degrau, com alívio os convidados se encontraram na tranquilidade fresca da rua. Era noite, sim. Com o seu primeiro arrepio.

Adeus, até outro dia, precisamos nos ver. Apareçam, disseram rapidamente. Alguns conseguiram olhar nos olhos dos outros com uma cordialidade sem receio. Alguns abotoavam os casacos das crianças, olhando o céu à procura de um sinal do tempo. Todos sentindo obscuramente que na despedida se poderia talvez, agora sem perigo de compromisso, ser bom e dizer aquela palavra a mais — que palavra? Eles não sabiam propriamente, e olhavam-se sorrindo, mudos. Era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto. Começaram a se separar, andando meio de costas, sem saber como se desligar dos parentes sem brusquidão.

— At?o ano que vem! repetiu José a indireta feliz, acenando a mão com vigor efusivo, os cabelos ralos e brancos esvoaçavam. Ele estava era gordo, pensaram, precisava tomar cuidado com o coração. Até o ano que vem! gritou José eloqüente e grande, e sua altura parecia desmoronável. Mas as pessoas já afastadas não sabiam se deviam rir alto para ele ouvir ou se bastaria sorrir mesmo no escuro. Além de alguns pensarem que felizmente havia mais do que uma brincadeira na indireta e que só no próximo ano seriam obrigados a se

encontrar diante do bolo aceso; enquanto que outros, já mais no escuro da rua, pensavam se a velha resistiria mais um ano ao nervoso e à impaciência de Zilda, mas eles sinceramente nada podiam fazer a respeito: "Pelo menos noventa anos", pensou melancólica a nora de Ipanema. "Para completar uma data bonita", pensou sonhadora.

Enquanto isso, lá em cima, sobre escadas e contingências, estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, erecta, definitiva, maior do que ela mesma. Será que hoje não vai ter jantar, meditava ela. A morte era o seu mistério.